

Debate – Painel Democracia – Sala 1 – Dia 12 de Novembro de 2004, manhã

Maria Manuela Cruzeiro

Conseguimos alguns minutos para o debate se for caso disso, e se não estiverem cansados e se tiverem ainda paciência e mobilização para isso. Há duas perguntas já, há duas pessoas a intervir, portanto o nome por favor.

Pedro Sousa

Queria fazer um comentário à comunicação do Sérgio Faria relativamente à ... É interessantíssimo constatar como aqueles dois momentos que ele referiu de adesão da população ao ideal democrático em 1985, por contraposição à muito mais fraca adesão em 2002, coincidem um pouco contraditoriamente com uma fase que, segundo Manuel Braga da Cruz, é de insipiência e de fraqueza do Parlamento português, que é fase de 1974-1987, em que os Governos mudavam sucessivamente e em que havia uma permanente instabilidade política. E, em 2002, quando já se atingiu a maturidade em termos parlamentares e a democracia a funcionar de quatro em quatro anos sem interrupções, tal como é projectado, é nesse momento de estabilização que se verifica o maior desencanto, não é, é um bocado contraditório?

E vai um pouco no sentido do que ele disse, de que há realmente qualquer coisa de errado neste conceito. Outra coisa que eu queria referir em relação à nova realidade que é 2002-2004 é que por vezes os sociólogos políticos e os cientistas políticos podem estar um pouco desatentos, não quer dizer que estejam, mas desatentos a novas formas de participação política, porque é verdade que a militância baixa, o associativismo baixa, tudo baixa, as pessoas não vão aos encontros, não vão aos comícios, não vão a essas coisas, mas têm mail, têm blogs, têm grupos, listas de e-mail, provavelmente sentem-se realizados a nível de participação, não política porque são formas de comunicação política não institucionalizadas, mas provavelmente ainda não institucionalizadas. Nós não sabemos se daqui a uns anos estas coisas, estes e-mails, estes grupos de e-mail, aquelas sondagens instantâneas no *Público*, as pessoas respondem que sim e que não e depois vêem o resultado. Não sabemos se daqui a uns anos estas formas emergentes não estarão mais institucionalizadas e se portanto nós estaremos errados quando estamos a dizer hoje que isto ninguém participa em nada, estão a ver.

Francisco Silva Alves

Eram só dois comentários e depois se me derem licença eu farei uma pergunta ilustrada. Os comentários: um é comentário técnico, porque nesta questão da edição dos resumos eu penso que não puseram os e-mails das pessoas e justamente essa forma muito importante que hoje se usa, porque enfim se eu quiser agora contactar com uma pessoa que fez uma determinada comunicação vou ter de ir à Associação 25 de Abril para saber quem é e isso hoje é muito mais fácil, põe-se o e-mail e as coisas estão automaticamente apresentados uns aos outros. Esta é uma primeira sugestão.

Há uma outra sugestão que eu não sei se estas sessões vão ser, digamos, fazer um pouco o repositório do que aqui se passa e das sugestões, mas eu atrever-me-ia a deixar uma sugestão no seguinte sentido: penso que

seria extremamente importante que nós deixássemos uma mensagem de coragem à Associação 25 de Abril para repetir ciclicamente e não de 30 em 30 anos estes congressos. Enfim se for preciso com certeza que há associações que estão disponíveis para os ajudar. É que de facto este espaço permite que nós discutamos política. Há congressos hoje em dia sobre tudo e acho que não fica mal que haja também em Portugal um congresso sobre política, porque nós sabemos que os congressos partidários são congressos partidários, mas como o seu nome indica são congressos de partido, tomam partido de uma determinada visão da política. Ora bom, a Associação 25 de Abril tem toda a legitimidade pelo seu passado e é uma instituição credível para isso, de poder de quando em quando, eu diria de dois em dois, três em três anos, retomar este congressos sobre política que de facto eu acho que também são uma forma de nós trocarmos ideias, de criarmos confiança e de esperança em nós próprios.

Agora só gostava de fazer uma pergunta em forma ilustrada, não sei se será possível, mas eu posso não fazer a ilustração e fazer a pergunta que é assim: eu tenho ali uns slides que há bocado não pude mostrar por razões de tempo, mas que ilustram, digamos, nas suas vertentes as actividades que a Associação Abril ao longo de 18 anos tem realizado na vertente cultural, social. Enfim, como vocês imaginam muita coisa se fez e a pergunta que acompanha esta ilustração é esta: vocês acham sinceramente que estas actividades são actividades de uma série de putos mal educados que andam a partir vidros por esse mundo fora? Porque de facto é essa a imagem que um dos nossos comentadores, digamos político, transmite para quem o lê. É de que isto são uma série de putos mal educados. Este mesmo comentador, e eu enfim, eu leio muita vez e tenho apreço por ele não neste aspecto, mas noutros, considero que neste aspecto ele é um pouco arrogantemente ignorante. Mas quando foi desta situação agora do chamado Barco do Aborto, também um dos artigos que escreveu era no sentido de estar extremamente preocupado de como é que dois ou três energúmenos cidadãos, duas ou três pequenas organizações, meia dúzia de mulheres como é que tinham posto o Estado a reboque delas.

Eu, de facto, também não compreendo porque é que puseram uma fragata, mas o que é certo é que a preocupação dele é o Estado não dever ligar a isto, quer dizer, o Estado deve ser para não sei exactamente o quê, mas pronto.

E a outra pergunta é se pelo facto destas organizações fazerem o que fazem e darem quanto a mim contributos importantes para o aprofundamento da democracia, para manter a democracia viva, para tentar criar nos jovens, mostrar-lhes que a democracia não é algo que exista dado, mas é uma coisa que se vai construindo, se de facto pelo facto de não mobilizarmos muita gente para os respectivos políticos e para os votos se devemos ser desprezados?

Jorge Baptista

Gostaria de saber se dentro deste século que vivemos e que se iniciou poderá haver e de que tipo de alternativas a esta democracia? Muito obrigado.

Interveniente não identificado

No seguimento aqui da afirmação deste colega congressista eu tenho aqui um recorte do dia 4 deste mês, em que o Conselho da Europa vai durante o próximo ano, será o Ano da Cidadania Através da Educação. Era um bom

pretexto que a Associação e outras, um conjunto de associações similares, porque as há no país, pudessem congregiar acções no sentido de valorizar este debate que decorrerá no ano 2005. Será uma proposta se o entenderem.

Interveniente não identificado

A minha intervenção é muito curta. É só para vos dizer que não estou muito surpreendido, mas estou bastante satisfeito com estes trabalhos que estão a decorrer, quer aqui quer nos outros painéis. E aquelas inquietações que eu tinha estou a verificar que muitos outros as têm e felizmente que as têm fora dos partidos, têm-nas a título individual e de outras pequenas participações e, portanto, isso é um factor muito positivo em termos da democracia.

Por um lado, a democracia representativa, de certa maneira, está em crise e não representa muito, isso é verdade. Mas por outro, estão a nascer novas fórmulas, novas formas e nova participação que eu julgo que é bastante animadora e, desse ponto de vista, estas sugestões que fazem à Associação 25 de Abril, eu pela minha parte assumo-as, porque realmente a Associação pode assumir um papel federador e motivador e que julgo será extremamente importante para fazer participar aqueles todos que têm as inquietações, mas que estão fora dos partidos.

E eu julgo que temos de encontrar uma alternativa, sem pôr em causa os partidos, mas temos que encontrar uma alternativa aos partidos para podermos participar efectivamente na gestão da sociedade e do seu próprio Governo e há uma questão de fundo que ontem à tarde se colocou um bocado e que é a questão do poder. Realmente os partidos hoje são máquinas de poder e o poder exerce-se, quer dizer alguém usufrui do poder, quer dizer há um grupo dirigente, há uma classe dirigente que utiliza um certo sistema, e isto não é só nacional, é também internacional que é quem efectivamente usufrui este poder. E provavelmente a esses grupos do poder interessa alguma indiferença da sociedade e interessa que as pessoas não participem muito. Mas nós temos que encontrar as alternativas de participação e pôr em causa esse poder. E eu julgo que esta questão do poder tem que ser discutida e tem que ser analisada e passa por dentro dos partidos. Ou seja, não me satisfaz a alternância PS, PSD, não me satisfaz minimamente em termos dessa gestão do poder e dessa participação do poder e da orientação, e da direcção do Estado. Muito obrigado.

Manuel Otero

Tenho uma questão um pouco técnica a colocar ao Arnaldo Ribeiro, quando ele fala dos graus de participação simbólica. Nesse caso há três graus, qual dos três é que – provavelmente não teve tempo de expor – qual é o grau dentro dos graus de participação simbólica que ele chegou à conclusão do seu trabalho?

E agora queria fazer também um comentário em relação a quando se fala dos miúdos que partem os vidros, eu penso é que eles partem a cabeça ao poder e é pena que eu não veja aqui mais miúdos, porque eu acho que a participação dos jovens é extremamente importante e é esse o nosso futuro. Era tudo. Obrigado.

Interveniente não identificado

Boa tarde a todos. Tenho estado aqui a ouvir várias intervenções e noutros painéis e ontem, e é um sentimento generalizado de que cresce o desinteresse das pessoas, baixa a participação. Queria colocar aqui uma questão talvez mais ao Edgar Correia. Se isso não se deverá um pouco há questão da falência de uma alternativa à sociedade em que vivemos? Quando se deu o 25 de Abril e todo o processo revolucionário que lhe seguiu

(mudança de cassette)

(...) o Manuel Alegre, o Vasco Gonçalves e outros oradores falaram na questão do socialismo que foi um projecto que houve, o socialismo acabou? O que é hoje um projecto socialista, o que será hoje ou poderá ser uma alternativa socialista a esta sociedade capitalista em que vivemos?

Fernando Cavaco

Das várias intervenções que ouvi nesta sala e sobretudo no Auditório 2, ontem e hoje, há uma questão que parece prevalecente e que não tem tanto a ver com o funcionamento actual desta democracia em Portugal, que é perceber qualquer coisa a montante, que tem a ver com aquilo que o Edgar Correia coloca, ou seja, que democracia é que queremos construir ou como é que vamos responder ao desafio de, provavelmente ainda neste século, de não sabemos responder à questão. De compreende qualquer coisa que está antes do funcionamento da democracia que é perguntarmo-nos se são os partidos, nomeadamente aqui em Portugal, que como máquinas oligárquicas espartilham o poder da sociedade civil ou se é a sociedade civil que, pela sua fragilidade, produz estes partidos. Penso que é mais importante saber como é que eles funcionam assim, a bem ou a mal, nomeadamente o Bloco Central. Coloco esta pergunta em particular ao Edgar Correia.

Edgar Correia

Vamos lá ver. As questões que são colocadas por dois dos elementos aqui presentes levariam quase à necessidade de um outro congresso para fazermos a discussão de muitos dos seus aspectos.

Mas eu queria aqui só focar alguns pontos. O primeiro é este: nós temos, acumulam-se aqui muitos problemas e acumulam-se muitas contradições e nós precisamos separar as questões. Embora depois saibamos que elas têm todas uma ligação entre si.

O sistema dos partidos que nós hoje temos em Portugal é fundamentalmente uma partidocracia instalada e esta é grande motivo insatisfação. Nós sabemos como é que nasceu esta partidocracia. Nasceu até no quadro da revolução e da democratização. Agora, as soluções poderiam ter sido diversas? Não, foram aquelas que foram, foram aquelas que resultaram de um conjunto complexo de forças.

Os partidos em Portugal são relativamente recentes. Mesmo o partido mais antigo em termos históricos, na altura do 25 de Abril tinha poucas centenas de membros activos. Eu falo com conhecimento directo de situação. E portanto podemos dizer que o PCP que resultou do 25 de Abril é um PCP completamente diferente daquele que existia antes. Há um núcleo de gente que se mantém, mas é um núcleo extremamente restrito que depois vai dirigir a nova realidade e a nova construção.

Portanto, nós temos partidos políticos em Portugal há 30 anos e hoje é visível uma grande insatisfação com este sistema de partidos, embora seja evidente que nós também precisamos de ter uma democracia representativa, precisamos de ter outras componentes do processo democrático, mas também precisamos de pensar que há aqui um processo de democratização ao nível dos partidos ou do tipo de organização do tipo partidário que é preciso também desenvolver.

E esse é um papel que cabe, em primeiro lugar, aos seus membros, mas também cabe à sociedade pelos sinais que envia para dentro dos partidos, e pelos sinais também de insatisfação que leva os outros cidadãos a criarem outras organizações de tipo partidário. Mas é evidente que nós hoje sentimos que a insatisfação específica com a questão do funcionamento partidocrático do sistema democrático português não resolve o conjunto das interrogações e das inquietações.

E há muitas questões que, aliás, hoje são colocadas no debate em Portugal que são comuns a outras sociedades e são comuns a sociedades democráticas, até com outro tipo de tradições e até com partidos a funcionar muito mais democraticamente. E portanto há aqui elementos que nós temos de buscar no estudo e na compreensão do desenvolvimento das próprias sociedades humanas, designadamente do próprio sistema económico.

O capitalismo hoje modificou-se muito, os sistemas de participação política e os mecanismos ideológicos também se alteraram profundamente. Nós hoje temos uma realidade comunicacional, que é uma realidade relativamente diferente em termos de décadas no que respeita à vida política. Claro que já podíamos estar presentes a participação nos *media* no que dizia respeito aos debates, às informações, à polémica que se exprimia através de jornais. Mas isso não tem nenhuma comparação com o quadro actual em que nós estamos permanente e continuamente mergulhados em informação e em intervenção política através da comunicação. E isto levanta muitas dimensões que precisam também de ser convocadas para esta discussão.

O que me parece fundamental é que nós precisávamos, ou pelo menos eu tentei fazer aqui essa proposta, de pensar hoje um programa da democratização da democracia e precisamos de compreender que não é apenas um problema nacional, é um problema que tem uma dimensão internacional, que mesmo hoje muitos dos nossos problemas não têm uma equação puramente nacional.

Durante muito tempo isso foi evidente, até porque existem fronteiras marcadas do ponto de vista económico. Mesmo um país com os graus de dependência que tinha Portugal antes do 25 de Abril, a fronteira que marcava o limite da nação e, de alguma forma, reduzia o próprio âmbito em que muitos portugueses consideravam que os problemas deviam ser discutidos e a intervenção política devia ser assumida, é evidente que teria de haver uma intervenção ao nível das políticas externas, mas era sobretudo um fenómeno centrado no país e nós temos hoje de ter uma relação não para desprezar a dimensão nacional, mas considerar que as questões têm que ser consideradas numa multidimensionalidade e que muitos dos nossos problemas e das nossas questões precisam também de outros níveis de intervenção política e social. No caso europeu, a nível global e que nós não podemos de deixar de conquistar esses espaços de intervenção, de reflexão, de participação e de decisão. E portanto depois também há défices que se colocam ao nível da participação

democrática em cada país que têm a ver com as alterações das condições do funcionamento a nível internacional e a nível global. E portanto nós hoje temos que ter uma visão muito mais complexa da realidade e precisamos de uma resposta e estamos com um certo atraso de compreensão e de resposta.

Portanto é muito positivo o tipo de inquietações e de satisfações que existem, mas é preciso progredir desse plano de insatisfações para um recorte mais analítico dos vários níveis de contradições que se colocam e também para um outro tipo de inserção. Ninguém intervém politicamente sozinho, tem de intervir no quadro colectivo e dos vários colectivos e das várias intervenções sociais, nacionais, internacionais que buscam resposta para os problemas. Mas efectivamente nós precisamos de fazer essa construção e eu, de alguma forma, propus aqui que nós assumíssemos a necessidade de um programa de democratização da democracia. Porque nós, de alguma forma, e eu estou um pouco a pensar democracia ainda com os olhos ou a lembrança da oposição democrática antes do 25 de Abril.

Nessa altura as coisas pareciam relativamente simples. Podíamos dizer, sim senhor, era preciso derrubar a ditadura, conquistar a liberdade. Alguns tinham, além desse objectivo, a construção em Portugal de sociedades como as que existiam na União Soviética. Mas era relativamente fácil a definição do programa político comum que era conquistar a liberdade, estabelecer a democracia. Hoje, é muitíssimo mais complexo traduzir, porque a realidade é muito mais complexa e nós temos que, mas nós não podemos abandonar esse objectivo. Ao propor-vos regressar ao futuro é regressar a termos um plano relativamente à democratização da democracia, compreendendo que isso é nacional, é local, não é apenas institucional. Nós falamos aqui dos poderes, sobretudo ao nível das instituições, mas precisamos também de considerar os poderes ao nível daqueles poderes que emanam das próprias organizações sociais. Hoje, se virmos a vida em muitos dos nossos sindicatos é bem menos democrática do que já foi no passado. Hoje, a vida em muitas organizações, pelo tipo até da participação e de especificidades e de alterações ao nível da participação não tem nenhuma comparação com o que teve noutros períodos. E, portanto, dar uma natural relevância à questão do poder a nível institucional pela importância nacional e global que ele tem, é crucial, mas também devemos considerar os problemas do poder de uma forma mais alargada.

Eu creio que nesse aspecto existem hoje muitas reflexões, muitas experiências, muitas interpretações, muitos elementos à procura de uma síntese. É uma síntese a nível da reflexão, mas é uma síntese a nível de intervenção e foi aqui citado e feito uma referência que eu também acompanho e valorizo. Muito do que hoje está sendo criado ao nível do Fórum Social Mundial e da projecção dessa ideia, começou por ser uma ideia lançada num jornal, no *Le Monde Diplomatique* pelo Ignacio Ramonet e depois vimos como essa ideia foi capaz de ser agregadora e aglutinadora de encontros, realizada em condições de novo tipo, com métodos políticos de novo tipo sem a procura de unanimismos e procurando até que haja espaços de encontro e de debate e de fecundação recíproca dos pontos de vista e como isso desenvolveu de uma forma não linear, contraditória, com contenções complexas relativamente ao sistema de representação político-partidária já instalado, mas de qualquer forma permitindo alguns progressos ao nível da troca de informações, da troca de experiências, da evolução de um pensamento e que nós hoje procuramos aí nessa nebulosa rica, densa, fraternal, solidária, nós procuramos de facto uma

continuidade com uma perspectiva que de facto é possível uma democracia melhor.

Vale a pena trabalhar nesse sentido, vale a pena juntar esforços, bem e atrás do tempo, tempo vem e temos que acreditar que será possível uma democracia melhor do que aquela que temos.

Interveniente não identificado

Eu só queria fazer uma notinha em relação a esta questão do aprofundar, do democratizar a democracia, que entendo ser um esforço urgente. Mas, mais uma vez, um dos equívocos, além daqueles que referi na minha intervenção é que a questão da desvalorização dos partidos que acaba muitas vezes na crítica à democracia, por conduzir a uma desvalorização dos partidos que deriva também de uma mitificação dos partidos.

É que efectivamente os partidos, e eu julgo que mais do que fazer a crítica dos partidos e da actividade partidária, era importante esclarecer também as pessoas que os partidos têm limitações ou seja que os partidos estão efectivamente dentro do mecanismo democrático e dentro do sistema capitalista. São máquinas de poder, são sobretudo isso e não lhes devemos pedir mais do que isso.

Ou seja eu acho que nós não devemos prescindir, e eu pessoalmente nunca prescindi na minha vida de estar em partidos, de participar em partidos e de participar fora do partido ou seja nós usamos os partidos para quê?

Para o que eles servem, porque apesar de todas as críticas ao Bloco Central eu acho que não é indiferente a estar no poder a Direita ou a Esquerda. São duas coisas completamente diferentes em termos de vivência social, em termos de modo de vida das pessoas e em termos de possibilidade de aprofundamento da democracia, portanto não é indiferente. Temos de combater nesse campo, pondo no poder quem mais nos facilita o tipo de sociedade que nós queremos e esclarecendo as pessoas que o partido só serve para isso, não serve para consciencializar as pessoas, não serve para dinamizar o debate político, não serve para nada disso. Não é para isso que os partidos estruturalmente hoje estão concebidos, nem foram feitos, para tanto existem outros espaços, espaços em que nós mesmo que estejamos nos partidos temos que construir e temos que dinamizar. Ou seja, hoje cada vez mais. Quero dizer, como disse o Edgar Correia, cada vez as coisas são mais complexas; não estamos na simplicidade do pré 25 de Abril. As teorias da complexidade são uma das coisas para que chamam à atenção é nós vivermos num paradoxo, ou seja, nós não devemos escolher entre os partidos e os fóruns mundiais, nós devemos estar nos dois, quer dizer, devemos apostar e defender os dois, devemos defender a existência de partidos o mais democráticos possíveis e o menos ligados a *lobbies* possível, mas apostar neles, defendê-los e defender também os outros movimentos paralelos, ou seja, não devemos criar uma tendência maneicaísta para dizer vamos abandonar os partidos, desvalorizar os partidos. Isso é efectivamente favorecer os mais altos poderes económicos e financeiros, como aqui foi dito ainda há bocado, quanto menos participação e quanto menos poder tiverem os próprios partidos mais são instrumentalizados e, portanto, mais beneficiam e mais destroem a democracia e defendem os seus interesses.

Tiago Monte Pegado

Pela minha parte só para agradecer este convite que foi feito para auxiliar, para participar nesta mesa, nesta moderação de mesa. Bom, e como me impus este rigor de ser moderador do princípio até ao fim, usando o menos da palavra possível, prometo que agora saio daqui, comendo qualquer coisa muito rapidamente, porque temos 1h10 para nos prepararmos até às 15h para participar nos painéis a seguir e falar tudo o que tiver a dizer, porque fiquei cheio de vontade.

Maria Manuela Cruzeiro

Eu por minha parte (...) e foi muito e muito importante, obviamente que não é matéria consensual, mas acho que num aspecto pelo menos conseguimos o consenso e é no sentido de felicitar e de agradecer à Associação 25 de Abril por esta iniciativa, por ter proporcionado este encontro, este e os outros que aconteceram e que estão a acontecer, reconhecer a necessidade de novas edições destes mesmos encontros e estimulá-los para que isso aconteça e que não seja um intervalo de 30 anos, porque senão não estamos cá nenhum. Já não será um debate sobre democracia, será, não sei o quê, e penso de facto que o nível, a gravidade, a qualidade das questões que se põem neste momento à nossa democracia bem o exigem e bem precisam desse debate.

Um debate onde se fale de muita coisa, se fale também de política, mas sobretudo da política no sentido mais nobre do termo e não no sentido da política que aqui já foi referido partidária ou não partidária, porque há muita que não é partidária ainda é pior do que a discussão política partidária. Portanto, acho que falar disso e, sobretudo, para vermos se conseguimos esbater o tal fosso que aqui também foi bastante em várias intervenções, não por estas palavras mas por outras, mas o tal fosso que é a tal separação, o tal afastamento que temos em relação à democracia e que é sinal inequívoco de uma cultura ancestral de súbditos e não de cidadãos. Essa é que é a nossa grande pecha cultural, histórica, que não se ultrapassa facilmente. Por tudo isto muito obrigada a todos e espero que tenha sido uma boa manhã de debate.